

Índice

Yuval Noah Harari, guru do relativismo	1
Pinker e Harari: modernidade e pós-modernidade frente a frente	3

Yuval Noah Harari, guru do relativismo

O autor de “Sapiens” goza de um bom acolhimento por parte dos meios de comunicação e do público. De origem judaica, vegetariano, ateu e budista, Harari converteu-se no arauto da nova cultura, feita de pedaços de ciência, fetichismo pós-moderno e grandes doses de sentimentalismo.

Harari, nascido em Jerusalém há 42 anos, encarna uma forma de pensar, muito cotada hoje, que combina uma aparente profundidade com uma capacidade para ler a história da cultura humana como uma enganadora narrativa de que só ele parece ter escapado. Os seus ensaios constituem uma espécie de prontuário que resume tudo o que é suposto o homem atual, descrente e relativista, ter de saber, acreditar e pensar. A verdade é que este autor tem um dom para resumir, de um modo brilhante e acessível, séculos e séculos de história. Todavia, apesar do seu sucesso de público, suscitou escasso interesse entre académicos e especialistas.

Diminuir a arrogância do homem

O seu primeiro livro, “Sapiens. Uma breve história da humanidade”, cuja primeira edição em hebraico é de há oito anos, condensava o desenvolvimento cultural da nossa espécie. Em [“Homo Deus. Breve história do amanhã”](#) (ver “Aceprensa”, 17.11.2016), alertava sobre os perigos do dataísmo e as consequências de fundir biotecnologia e

informática. Na sua nova obra, “21 lições para o século XXI”, adverte-nos que alcançámos um ponto de não retorno e mostra-se disposto a ser o mestre espiritual da nova humanidade.

Embora a sua especialidade seja a história medieval e militar, e seja professor na Universidade Hebraica de Jerusalém, os seus ensaios de divulgação situam-se no campo da pós-história. Quer despertar-nos do arrogante sonho em que temos vivido e que nos levou a acreditar que somos seres singulares e únicos. O que deseja, justamente, é convencer os seus leitores do contrário: na realidade, não há nada de especial em nós enquanto seres biológicos.

Os propósitos deste pensador são evidentes tanto no título da sua primeira obra como no termo que costuma empregar para se referir ao homem, *sapiens*. “Somos grandes símios”, afirma, e concebe o ser humano como mais uma espécie na linhagem dos hominídeos. Supor que possuímos qualidades superiores é uma fábula elaborada pelo nosso orgulho.

Uma narrativa de fracasso e decepção

É falso, portanto, que tenhamos uma natureza sagrada e única, e que o resto do mundo orgânico e inorgânico se encontre à nossa disposição ou desenhado para nosso benefício. Isso porque, segundo declara nos seus textos, somos “algoritmos bioquímicos”. O maior pecado, e a causa da nossa desgraça e ignorância, é o “culto da pessoa”, a injustificada e vaidosa crença de nos considerarmos o centro do universo.

Porque, na verdade, nem o homem nem a história possuem sentido ou significado. Na sua narrativa, o que destaca é quão perniciosos e nocivos têm sido os animais humanos. Entre a vida nômada que levámos como caçadores-recoletores, e o consumismo e as nossas cidades de “plástico e betão”, interpuseram-se séculos e séculos de exploração, “assassínios ecológicos”, extinções e agressividade que nos convertem “na espécie mais mortífera da história”.

Harari transmite um profundo pessimismo antropológico, que explica não apenas a denúncia da nossa suposta depravação cultural, como a sensação de desconsolo e vergonha que suscita a leitura das suas obras. Não se deve esquecer que têm uma clara finalidade prática ou terapêutica, pois – afirma – unicamente tomando consciência dos danos que causámos, poderemos enfrentar os tempos futuros de forma responsável.

O indivíduo e o seu doloroso destino

Apesar de relatar a história como um jogo ininterrupto de crueldade e devastação, Harari não nega os benefícios das diversas revoluções que o homem protagonizou: a cognitiva, a agrícola e a científica. Muito menos a última, na qual estamos envolvidos. Pensa, no entanto, que aquilo que torna o saldo negativo é a dolorosa discrepância que existe entre os nossos sucessos evolutivos como espécie e o infeliz destino a que parecem inevitavelmente condenados muitos seres individuais.

Por exemplo, segundo as suas explicações, a passagem à agricultura possibilitou a explosão demográfica do *homo sapiens* e o desenvolvimento de outros fenómenos importantes, como as cidades, mas deteriorou as condições de vida de muitos seres vivos. E embora os avanços científicos e técnicos dos últimos séculos tenham permitido curar doenças e melhorar muito a nossa situação, se medirmos o progresso em termos de felicidade individual, o resultado está longe de ser positivo.

Entre contradições, *boutades* e chavões, muitas vezes não se sabe se Harari fala a sério ou se utiliza a provocação como recurso estilístico. Por outro lado, as suas teses não são inovadoras; muito menos é original a sua abordagem reducionista, nem o niilismo que manifesta. Apesar da sua aparência científica, e de fornecer a base intelectual de muitos dos estilos de vida atuais – inclusivamente de algumas modas dietéticas, como a que denuncia os prejuízos para a nossa saúde do consumo de cereais –, não é sério tirar conclusões antropológicas de modo tão ligeiro, exibindo apenas alguns quantos exemplos *ad hoc*.

E subsistem dúvidas e perguntas abertas. Se o homem é um simples animal, qual é a nossa competência para julgar a história em termos morais, como faz o próprio Harari? Por

acaso conseguimos escapar finalmente ao nosso destino biológico?

Cientificismo pós-moderno

Contudo, o que é mais problemático é a contradição que existe entre o seu cientificismo, que o obriga a subscrever uma compreensão determinista, e o pós-modernismo, que lhe exige negar a existência da natureza humana e destacar a condição cultural, contingente e acidental do homem. De facto, não tem outro remédio senão interpretar a revolução cognitiva que origina o aparecimento da ordem cultural como um fenómeno fortuito.

Harari é um ateu convicto; é evidente que não pode falar da alma e que, para ele, a dimensão espiritual é uma invenção de consequências nefastas. Mas teria salvo algumas das suas incoerências se se tivesse dado conta de que, no caso do homem, natureza e cultura não se opõem. É frequente entre os materialistas entender o “natural” como sinónimo de “biológico”, e o “cultural”, como uma superestrutura ou mecanismo que fossiliza a natureza e restringe as suas possibilidades de desenvolvimento, em vez de considerar que possibilita a implantação específica e própria do humano.

Algumas das suas abordagens recordam as de Freud e as de outros entristecidos pensadores, e refletem uma conceção trivial da cultura. Esta não seria mais do que um acumular de quimeras, adequadas para satisfazer a necessidade biológica de cooperação – e, certamente, torná-la possível em grande escala –, mas prejudiciais na medida em que implicam hierarquias, proibições, tabus e coações espúrias.

Em resumo, o que caracteriza o ser humano é a sua insólita capacidade para inventar e imaginar realidades, assim como para dotá-las de um suposto, mas falacioso, valor objetivo. Esse conjunto de delírios e devaneios, a que damos o nome de cultura – e que inclui coisas tão díspares como o dinheiro, a religião, os direitos humanos ou os princípios morais – é uma ficção, afirma Harari, sem existência real, que projeta sentido onde somente existem reações químicas e vazio aterrador.

Apenas uma máxima: evitar o sofrimento

Da mesma maneira que não existe, na sua opinião, mais verdade do que aquela revelada pela ciência, tão-pouco é possível atribuir realidade ao imaterial. “Desde a revolução cognitiva, os *sapiens* têm vivido numa realidade dual. Por um lado, a realidade objetiva dos rios, das árvores e dos leões;

por outro, a realidade imaginada dos deuses, das nações e das corporações”, explica.

Levando ao extremo o seu compromisso com o construcionismo pós-moderno e o relativismo, defende que todas as crenças, todos os valores e todas as normas são criações arbitrárias do ser humano, sem validade objetiva. Mas, então, como distinguir entre o correto e o incorreto, entre construções culturais adequadas e inadequadas? Ao dar uma resposta a esta questão, Harari apresenta ao mesmo tempo a justificação de muitas das convicções pós-modernas, desde a ecologia até à teoria de género.

Com efeito, se primeiro denuncia como opressivas e intolerantes as filosofias e tradições que se propõem enraizar a cultura e a moral numa suposta natureza humana universal, depois conclui que, na ausência desta, nada é, em princípio, nem bom nem mau, nem natural nem antinatural. Qualquer comportamento é válido, pois o único imperativo moral que deriva da nossa condição de animais sensíveis é a inevitável exigência de evitar o sofrimento, tanto próprio como alheio.

O pernicioso engano da religião

Além destas conceções, algo simplistas, da história, da moral e do homem, Harari apresenta uma imagem excessivamente negativa – e enganadora – da religião, e em especial, e não por casualidade, do monoteísmo. Na sua opinião, o religioso é um artifício cultural e imaginário, que tende a impor exclusões e conta com um dilacerante passado de intolerância, sangue e obstinação. Como fomenta um forte sentido de identidade e pertença, é difícil que o pensamento religioso se liberte do fanatismo.

Mas não se pode passar por alto o acentuado contraste entre as acusações que Harari, ignorando as contribuições morais, científicas e culturais, verte sobre os principais monoteísmos, e o fervor com que exalta o suposto humanitarismo das crenças animistas e politeístas. E é chocante que dê tanta importância ao sofrimento e atribua ao judaico-cristianismo um interminável historial de brutalidade e, todavia, aborde com tanta ligeireza a violência quando as vítimas são cristãs.

Um novo relato global

Em “Homo Deus”, Harari refere-se a outra religião, ao dataísmo, e à possibilidade de que o homem acabe convertido num deus à medida que vá aumentando o seu poder sobre a natureza. Para lá dos riscos que percebe no desenvolvimento da inteligência artificial, é preciso reconhecer que não será

possível contê-los sem fazer referência à dignidade da pessoa, algo que, por questões de princípio, o escritor recusa.

Na sua opinião, felizmente estamos a tomar consciência de que não somos mais do que “fluxo de dados” e a compreender as inúmeras ameaças que pairam sobre a nossa condição biológica. “A guerra nuclear, o colapso ecológico e a rutura tecnológica estão a colocar a humanidade numa crise existencial sem precedentes”, escreve.

Por isso, necessitamos de articular novas respostas, e estas têm de ser globais. Neste processo de busca e esclarecimento do que somos e queremos ser, nesta nova viagem da humanidade, Harari, na posição do timoneiro, recomenda recorrer a uma tradição que não foi corroída pelas descobertas científicas e que, de acordo com a sua opinião, revela a verdade e o absurdo do homem, mas, ao mesmo tempo, permite superar o sofrimento que essa descoberta proporciona: o budismo.

Chama a atenção a habilidade com que o influente escritor escapa da caverna cultural que os outros, simples mortais, estamos condenados a habitar. Mas a leitura deste oráculo pós-moderno deixa no ar muitas interrogações. Porquê supor que toda a narrativa cultural é enganadora e fictícia e não o é, por outro lado, a que ele adianta nos seus ensaios? No momento em que, como ele próprio indica, a cortina da história está em vias de cair diante dos nossos olhos, o destemido desespero com que concebe o homem deixa-nos à mercê dos acontecimentos e indefesos perante um futuro sombrio.

J. C.

Pinker e Harari: modernidade e pós-modernidade frente a frente

Apesar dos seus desacordos, o pensador norte-americano e o mediático intelectual israelita partilham uma mesma convicção científicista e uma marcada animosidade para com tudo o que seja espiritual.

Se algo têm em comum [Yuval Noah Harari](#) e Steven Pinker, é o seu entusiasmo pela ciência. Há muitas outras coisas que, contudo, os separam. O autor de “Sapiens” lê a história com bastante pessimismo e vislumbra o futuro com desconfiada perplexidade, enquanto que o polémico professor de Harvard é um otimista visceral e pensa que, apesar dos desafios que o homem tem pela frente, deve aguardar-se o futuro com

esperança. Em resumo: Pinker é moderno; Harari, pós-moderno.

Poder-se-ia mesmo dizer que o último ensaio do psicólogo norte-americano, “Em defesa do Iluminismo”, está escrito para questionar a tenebrosa interpretação do desenvolvimento humano que encontramos no seu contemporâneo. Pinker combate a visão apocalíptica que ganhou a esfera pública com a ascensão do populismo, a pressão das forças reacionárias e a influência pós-moderna. A sua tarefa é mostrar que o conhecimento científico é o melhor aliado do progresso e que, nos últimos dois séculos, as condições de vida não pararam de melhorar.

Muito do que defende, no entanto, é discutível. Não aprofunda sobre a importância nem sobre os fundamentos filosóficos do projeto moderno, e inclui no seu crédito contribuições que não nasceram com o Iluminismo e não constituem parte específica do seu legado. Também é bastante duvidosa a narrativa progressista que propõe. E é paradoxal que um cientista seja tão pouco rigoroso ao distribuir os sucessos e os fracassos da história.

Mas seria errado pensar que o seu propósito é dar a conhecer esse período tão importante da nossa cultura. Pretende mais contrariar o desespero, a desilusão e a decepção que surgiu depois da última crise. Para este apologeta do Iluminismo, o importante não é a precisão histórica, mas as evidências do progresso.

Desde a saúde até à esperança de vida, passando pela alimentação, a educação, a relação entre homem e mulher e a pobreza, Pinker elabora gráficos – alguns consideram que tendenciosos – e remete para estudos que refutam esse fatalismo que questiona a prosperidade e bonança de que desfrutamos.

Mais felizes

Segundo os dados que avança, a pobreza mundial diminuiu 75 % nos últimos 30 anos. Além disso, a globalização e os mercados serviram para melhorar a vida das pessoas. Existe também uma situação mais pacífica. Tudo isso também o reconhece Harari; aquilo que discute é que sejamos agora mais felizes, como Pinker supõe.

Para o naturalista norte-americano, as ameaças não se encontram onde as aves agoirentas afirmam. Não é a inteligência artificial, nem o armamento nuclear, nem o esgotamento dos recursos, como muito menos o aquecimento global, o que mais deve preocupar-nos, pois temos inteligência para superar esses dilemas. O que põe em cheque a nossa liberdade são as mensagens alarmistas e a descon-

fiança pela razão que o derrotismo e as profecias dantescas propagam.

Se Harari tivesse de qualificar Pinker, seguramente diria que é um “humanista secular”. E o último concordaria com orgulho. E é provável que Pinker não incluisse Harari entre os maiores inimigos do Iluminismo, mas moderaria o desânimo com o qual conclui a sua revisão histórica e tentaria aliviar as suas inquietações recorrendo aos últimos dados trazidos pela ciência.

Mas os desacordos entre um e outro são mais superficiais comparativamente às convicções ideológicas que tão profundamente partilham: o cientificismo, o materialismo e uma aversão pelo religioso e pelo espiritual.

J. C.